

FORMAÇÃO CONTINUADA E SUA IMPORTÂNCIA NA MELHORIA DA PRÁTICA DOCENTE

Cecília Francini Cabral de Vasconcellos (IC) e Robson Jesus Rusche (Orientador)

Apoio: PIBIC CNPq

Resumo:

O presente estudo tem como objetivo compreender o que os profissionais da área da educação têm a dizer sobre a qualidade de sua formação inicial e continuada e quais são os pontos que poderiam ser revistos. Para alcançarmos uma melhor compreensão do problema da relação entre a formação do professor e sua influência na prática escolar, foram entrevistados três professores de escolas da rede pública da Cidade de São Paulo. A metodologia utilizada para a análise dos dados coletados, foi baseada no referencial metodológico da Psicologia Sócio Histórica, utilizando os núcleos de significação e apreensão dos sentidos. Foi possível observar, que os docentes notam recuos e avanços em sua formação continuada e por conta disso, ainda não reconhecem plenamente os benefícios dessa formação, não percebendo dessa forma sua aplicabilidade na prática escolar. Apontam uma desvinculação da teoria ensinada, na formação inicial e continuada, com a prática reflexiva e com a experiência cotidiana do cenário escolar. Segundo eles este cotidiano é complexo e repleto de questões relacionadas à dinâmica interesse/desinteresse dos alunos pelo aprendizado, às influências sócio-ideológicas na educação, à diversidade de práticas escolares, à valorização da educação e aos novos recursos tecnológicos. Tais discussões trazem outras questões a serem trabalhadas, que podem ajudar na compreensão do cenário da educação básica brasileira da rede pública, contribuindo para seu aprimoramento.

Palavras-chave: formação inicial e continuada, professores, prática escolar.

Abstract:

This study aims to understand what professionals from the education sector have to say regarding the quality of their initial and continuing education and which are the subjects that could be reviewed. In order to have a better understanding of the issue concerning the relationship between teacher education and its influence on school practice, three teachers from public schools in the city of Sao Paulo were interviewed. The methodology used for data analysis was based on the methodological framework of the Socio-historic Psychology, applying the meaning core and apprehension of the senses. It was noticed that the tutors perceived setbacks and advances on their continuing education and due to this fact, they do not yet fully recognize the benefits of those trainings and do not realize its applicability on school practice. The educators identify an untying taught theory, in the initial and continuing

education, with reflective practice and everyday experience in the school setting. According to them, this daily life is complex and filled with issues related to the dynamics interest/disinterest of students for learning, the socio-ideological influences in education, the diversity of school practices, the improvement of education and new technological resources. Such discussions bring other issues to be addressed, which can help in understanding the scenario of Brazilian public basic education, contributing to its improvement.

Keywords: initial and continuing education, teachers, school practice.

INTRODUÇÃO

A história da formação de docentes no Brasil surgiu no século XIX, com o aparecimento das escolas normais, consideradas de nível secundário. Estas preparavam os profissionais para lecionarem na educação infantil. Junto a isso, para o ensino secundário ou médio, existiam os cursos superiores (não-universitários), chamados na época de Liceus Provinciais, que se localizavam no Rio de Janeiro e na Bahia (PENIN, 2001).

Aproximadamente um século depois, em 1931, foi decretado o Estatuto das Universidades Brasileiras, que deram origem às primeiras universidades do Brasil. Com isso, os cursos superiores para a formação de professores secundários se tornaram universitários, e a implantação dos cursos de Pedagogia veio a ocorrer de 1939 a 1971 (PENIN, 2001; SAVIANI, 2009).

Entre as décadas de 1980 e 1990 houve um processo de preocupação internacional com a qualidade da educação. Por conta de uma mudança no cenário mundial, um ensino de qualidade passou a fazer com que os jovens se tornassem capazes de competir no mercado de trabalho, melhorando a sua condição econômica, tanto quanto a de seu país. A partir disso, a OECD (Organization for Economic Cooperation and Development) criou o PISA (Programme for International Student Assessment) com o objetivo de mapear indicadores de efetividade dos sistemas educacionais (GATTI, 2008).

O Brasil sofreu impactos diretos, por conta dessas mudanças e das novas preocupações internacionais, tais como a dificuldade de inserção de um número muito maior de jovens e crianças nas escolas públicas e o aprimoramento das práticas escolares, problema tão comentado nos estudos e na sociedade daquele momento. Isso abriu espaço para o surgimento de alguns programas, coordenados pelo INEP (Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa) e também pelo SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), facilitando a busca de novos caminhos para uma melhora na qualidade da educação (GATTI, 2008).

A formação dos docentes é dividida entre a formação inicial e a continuada. A formação inicial consiste na graduação, advinda da licenciatura, que torna apto o profissional a lecionar na educação básica, na qual se engloba a educação infantil, o ensino fundamental e ensino médio, a educação especial e a de jovens e adultos e o ensino profissionalizante (MELLO, 2000).

Já a formação continuada, que ocorre após a graduação, pode ser realizada por cursos estruturados (extensões e pós-graduações) e também seminários, congressos, palestras e cursos oferecidos pelas Secretarias de Educação (GATTI, 2008).

O Ministério da Educação (MEC) possui desde 2004, a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores, que consiste em cursos de até 120 horas, implantados em todo o Brasil. Esses cursos podem ser à distância ou semipresenciais e abordam diversas áreas

do conhecimento, como ciências humanas, exatas, biológicas e sociais. O material para estes cursos é disponibilizado pelas universidades públicas, recebendo suporte financeiro do próprio MEC.

Tal processo educativo surge com o intuito de atualizar e renovar o conhecimento profissional, buscando um aprimoramento prático escolar. Porém, esse processo sofre uma mudança de objetivos, por conta da baixa qualidade na formação inicial (graduação), o que torna necessária uma formação complementar e compensatória (GEGLIO, 2015).

Uma boa formação continuada deveria ser oferecida não só para os professores, mas sim para toda a equipe pedagógica (diretores e coordenadores). Essas formações não poderiam se esquecer também do ciclo da carreira desses profissionais, suas experiências, necessidades e interesses. Tais medidas possibilitariam uma legitimação da escola, como instituição de aprendizagem e ensino contínuo, onde as trocas de saberes são mútuas (DAVIS, 2013).

Considera-se a formação de professores, tanto a inicial quanto a continuada, um tema de grande importância no Brasil e no mundo, enfatizado desde as décadas de 1980 e 1990 por um aumento significativo das pesquisas na área. Assim, chegamos ao momento atual com uma amplitude de publicações sobre o tema (Andre 2013), tornando-se clara a mudança que este processo pode trazer para um país emergente como o Brasil. Afinal, a educação é a base mais sólida e digna para o desenvolvimento.

A partir dos estudos de Geglio (2015), Andre (2013) e Gatti (2008), em que os resultados indicaram uma busca pela melhoria da educação, é possível visualizar alguns benefícios, porém insuficientes, ressaltando-se ainda mais a importância da formação inicial e continuada, na mudança das práticas escolares.

Percebemos uma necessidade de estudar o tema, pois acreditamos encontrar profissionais que nos apresentem suas vivências sobre a formação e seus aspectos positivos e negativos. Sendo assim, nosso objetivo foi compreender o que os profissionais da área têm a dizer sobre a qualidade de sua formação e quais são os pontos que poderiam ser revistos, para alcançarmos, assim, uma melhor compreensão do problema.

Para a Psicologia tal questão se faz relevante principalmente frente aos estudos nas áreas da Aprendizagem, Desenvolvimento Humano e Psicologia Escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Uma das grandes questões discutidas sobre a formação dos professores no Brasil é o processo de profissionalização-desprofissionalização docente. Este processo é proveniente da tensão entre a profissionalização, a luta e a busca dos professores por reconhecimento e a desprofissionalização, o enfraquecimento da luta pelas conquistas da profissão (NOGUEIRA, 2008).

Existem fatores que corroboram com a tendência para a desprofissionalização, no processo de profissionalização-desprofissionalização, como, a paralisação da criação de políticas curriculares adequadas à realidade dos diversos públicos que ingressaram no cenário escolar nos últimos anos, gerando uma massificação escolar, sendo este o segundo fator. Há, ainda, a funcionarização acrescida dos docentes, gerada por pressões dos poderes econômicos e administrativos (ROLDÃO apud NOGUEIRA, 2008).

Os professores permanecem seguindo as políticas curriculares vigentes, mesmo que estejam buscando, em seus discursos políticos, maior autonomia e poder de escolha, que lhes dariam maior credibilidade profissional. E essa questão complexa se complementa pela falta de coletividade da profissão docente, pela baixa qualidade da formação e escassez salarial (NOGUEIRA, 2008).

A falta de coletividade da profissão docente e organização como grupo faz com que os professores trabalhem de maneira individual, sem pensar no coletivo na sua realidade interna ou externa às instituições (NOGUEIRA, 2008).

A partir deste enfoque, partimos do pressuposto de que os professores encontram-se em meio a uma crise de identidade, agravada pela precarização da formação e dos salários; pela falta de organização como profissão; pelo individualismo/isolamento dos professores e consequentemente o enfraquecimento do trabalho coletivo dentro e fora das escolas; pela dependência das políticas governamentais e pela não participação na criação das mesmas; pela alienação política, e ainda, pela fragilidade psicológica que se produz em meio a esta crise (NOGUEIRA, 2008, p.2).

Os professores são os agentes de sua profissão e se perdem em meio a sua massificação. Junto a isso, há imposições de políticas curriculares, que potencializam o processo de profissionalização-desprofissionalização docente. Os docentes não buscam nas organizações sociais formas para poderem reivindicar seus direitos, e são poucos os que participam ativamente das discussões a respeito das políticas curriculares, o que fragiliza mais ainda a profissão, dando-lhes menos confiança e segurança para atingirem as mudanças necessárias (NOGUEIRA, 2008).

A falta de organização coletiva do grupo dos professores é percebida em seu cotidiano, ou seja, essa desorganização é sentida nas instituições escolares. Os professores não se atêm aos seus colegas de profissão, aos seus pares, ele tem um olhar atento às situações macroeconômicas, ele não se identifica com os colegas e não fortalece sua profissão. Ele trabalha engessado em políticas educacionais, sem ter o controle total de sua atividade (NOGUEIRA, 2008).

As organizações de professores podem contribuir de forma determinante para instaurar na profissão um clima de confiança e uma atitude positiva diante das inovações educativas. Em todos os sistemas educativos elas

constituem uma via de conciliação com os profissionais do ensino, seja em que nível for. A concepção e aplicação das reformas devia ser uma ocasião de busca de consensos sobre as finalidades e os meios. Nenhuma reforma da educação teve êxito contra ou sem os professores (NOGUEIRA, 2008, p. 7).

Para uma atividade ser denominada socialmente como profissão, ela precisa de alguns atributos como, o reconhecimento social do saber específico da profissão, seu poder de decisão e responsabilidade para com a sociedade, além de um órgão que a regule e a defenda. A profissão docente no Brasil tem que ser reconhecida por seu trabalho de construção e transformação social, a busca da consciência crítica e não apenas por ser um transmissor de informações (NOGUEIRA, 2008).

Segundo Freire (2003), o ser humano é ser incompleto e em constante formação.

O ser humano é um ser histórico-social que vive em constante tensão entre o que é e entre suas possibilidades de ser. Vive em constante aprendizado, em constante transformação. O ser humano é o que herda de seu contexto histórico-social e também o que adquire em seu processo educativo permanente. Isto significa ser o ser humano, enquanto histórico, um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente de sua inconclusão (FREIRE, 2003, p. 18).

O ser humano no seu processo permanente de educação, sempre está se educando. A escola é um locus do educar, mas ela é recente na história da humanidade e não é apenas nela que a educação ocorre. A necessidade da prática de aprender e ensinar é universal, mas a forma com que esse processo ocorre varia no espaço-tempo. Visto que esse processo é cultural, ideológico, histórico e político. Sendo assim a Cidade se torna educativa por estar emaranhada de sujeitos com a necessidade dessa prática constante (FREIRE, 2003).

A prática educativa não pode ser neutra, por ser um processo político, sempre buscando uma finalidade, um objetivo e, até mesmo, um sonho. A politicidade envolvida neste processo, não significa uma imposição de pensamento dos educadores para com os educandos. Mas sim, a luta por uma postura ético-democrática, em que os educadores mostram seus pontos de vista e também apresentam outros pontos de vista, que não os próprios, colocando-se flexíveis para o diálogo e a mudança. Além disso, o aluno tem o direito de criar e pensar novos sonhos, que podem ser opostos aos de seus educadores e deve-se respeitar isso (FREIRE, 2003).

O processo educativo além de ser permanente é político, e se torna necessário que os educadores explicitem este fato aos educandos. Os educandos devem se colocar e entender o como e o porquê dos sonhos e pontos de vista dos professores, deve haver uma pluralidade de discursos e opiniões.

Não pode haver caminho mais ético, mais verdadeiramente democrático do que testemunhar aos educandos como pensamos, as razões do por que pensamos desta ou daquela forma, os nossos sonhos, os sonhos por que brigamos, mas, ao mesmo tempo, dando-lhes provas concretas, irrefutáveis, de que respeitamos suas opções em oposição às nossas (FREIRE, 2003, p. 38).

O debate e o respeito aos pensamentos dos educadores e educandos é necessário uma vez que o processo educativo é um processo político, impossível, portanto, de ser neutro. Caso contrário o processo de ensino e aprendizagem e suas discussões seriam apenas obstáculos para o conhecimento. Os professores teriam apenas que se preocupar eticamente com sua formação, com o respeito aos educandos, e com o exercício de suas competências (FREIRE, 2003).

Assim como o processo educativo não é neutro, a avaliação de sua qualidade também não é, pois a qualidade é vista por meio de percepções que são diferentes dependendo da sociedade e de suas classes. A busca da verdade e da transmissão da mesma, não é algo neutro, pois as verdades são diferentes e em nossa sociedade as verdades das classes dominantes vigoram.

É nesse sentido, por exemplo, que temos que reconhecer que se, de um ponto de vista progressista, a prática educativa deve ser coerentemente, um fazer desocultador de verdades e não ocultador, nem sempre o é do ponto de vista reacionário (FREIRE, 2003, p. 41).

Gatti (2003) afirma que alguns grupos sociais buscam equidade social, reconhecimento social e dignidade humana. Essas reivindicações também se inserem no contexto escolar. Para atender essas demandas seria necessário a criação de uma escola justa em que as heterogeneidades fossem respeitadas e as aprendizagens fossem significativas. Sendo assim os professores desta escola deveriam estar contextualizados e atentos à trajetória, às expectativas e à cultura de cada um de seus alunos em suas diversidades.

A partir desse contexto é importante salientar que a educação é um bem público e um direito humano que leva as pessoas à compreensão e entendimento de seus demais direitos, exercendo-os e lutando por eles. Nas relações sociais a apropriação do saber é um determinante diferenciador das classes sociais (GATTI, 2013).

A escola decide como ensinar e de que forma passar o conhecimento, ao longo do tempo, em seu processo didático-pedagógico. “O papel fundamental da escola é, pois, levar os estudantes a apreender/compreender conhecimentos já produzidos, ao mesmo tempo formando-os em valores para a vida humana” (GATTI, 2013, p. 4). Junto a isso os professores devem estar conscientes de sua prática, dotados de didática, preparados e atualizados com as demandas sociais atuais, ou seja, devem ser profissionais bem formados.

A prática educativa é um processo fundamental que está associado à teoria educacional, afinal teorizações e práticas são um processo dialético. No entanto, essa relação não é tratada na formação de professores, já que os currículos não demonstram esta relação, separando o conhecimento da ciência, do conhecimento pedagógico (GATTI, 2013). “Os profissionais da educação constroem suas práticas educativas em suas formações diversas e em seu exercício docente” (GATTI, 2013, p.4).

As práticas educativas devem se ligar ao domínio do conhecimento tanto científico, quanto pedagógico do professor, à sensibilidade cognitiva e às condições de aprendizagem daqueles que irão receber os ensinamentos. A relação entre docentes e discentes deve ocorrer de forma ética e os docentes devem acreditar no poder de transformação da educação e na capacidade de aprender de seus alunos (GATTI, 2013).

Além disso, é imprescindível a valorização da prática como forma de aprendizagem, a busca da prática com reflexão, gerando a práxis, sendo assim, é necessária uma mudança na relação entre prática e teoria. A prática pedagógica é ação política de cidadania, fundamentadas em conhecimentos pedagógicos e científicos: “*Implica fazer pensando e pensar fazendo*, implica saber fazer e porque fazer, ou seja, implica uma *praxiologia*” (GATTI, 2013 p. 5).

Atualmente não é dada a devida atenção à formação dos professores da educação básica, sendo que esta é indispensável para o ser humano. A formação dos professores está cada vez mais enrijecida, sem se readaptar às novas demandas sociais, não sendo devidamente valorizada por aqueles que tem sob sua responsabilidade essa formação, inclusive pelo poder público (GATTI, 2013).

A maneira como esse problema formativo vem sendo tratado nas políticas públicas denota leniência dos poderes públicos quanto aos professores da educação básica, cujo currículo formativo tem se mantido enrijecido por um século, com aligeiramentos visíveis no tempo (GATTI, 2013 p. 6).

Busca-se uma formação de nível superior, integrada e densa dos professores desde o início do século XX, no entanto esse objetivo não foi plenamente alcançado e por conta disso ainda não se formou uma sólida identidade dos professores, um espírito pedagógico. A existência desse espírito pedagógico possibilitaria aos professores superarem a falta de crítica, criando as condições necessárias para que através da formação de uma identidade profissional, houvesse a criação de práticas que influenciassem efetivamente na formação da sociedade (GATTI, 2013).

Segundo a autora a formação atual no Brasil possui currículos fragmentados, dissociações entre teoria e prática, conteúdos genéricos, estágios fictícios e avaliação precária interna e externa. Há variações entre os projetos pedagógicos e os planos de ensino dos cursos, ou seja, o que está pré-estabelecido não ocorre ao longo do curso (GATTI, 2013).

METODOLOGIA

O método utilizado no presente estudo foi o qualitativo, que possibilita uma compreensão das subjetividades e complexidades dos sujeitos estudados. Tal compreensão se dá não na quantificação de dados, mas sim pela análise e interpretação destes, buscando uma aproximação das relações humanas e suas particularidades (MARCONI & LAKATOS, 2010).

Amostra

Os participantes deste estudo foram três professores de escolas da rede pública da Cidade de São Paulo que estavam lecionando no ensino fundamental II (6º ao 9º ano).

Instrumentos

Para realizar este estudo usamos entrevistas semiestruturadas que possuem diversas vantagens, entre elas a flexibilidade dos pesquisadores de formular novas perguntas e esclarecê-las, possibilitando uma ampla gama de informações recebidas e a oportunidade do entrevistado de se colocar.

Procedimentos

Os sujeitos do estudo foram selecionados por meio de indicação feita por conhecidos de professores da rede pública. O contato foi feito de forma pessoal e o sujeito esteve livre para participar ou não da pesquisa ou até mesmo desistir a qualquer momento.

O sujeito recebeu uma carta de informação e foi explicado a ele qual o procedimento da entrevista e seus objetivos. Também foi explicado ao sujeito que é garantido o sigilo em relação aos dados pessoais e que ele pode desistir da pesquisa a qualquer momento. Depois disso, o sujeito pode assinar o termo de consentimento, de acordo com sua vontade. O uso de gravador ocorreu apenas nos casos em que houveram o consentimento do sujeito.

A pesquisa é um grande percursor do conhecimento, visto que possibilita que este se expanda e se aprofunde nas mais diversas áreas, trazendo perspectivas inovadoras e quebras de paradigmas. O seguinte tema contribui para uma reflexão crítica sobre o que pode ser mudado na formação dos professores e qual sua situação atual.

A entrevista pode trazer à consciência questões jamais pensadas pelos sujeitos, e isso possibilita mudanças. Toda pesquisa pode trazer danos aos sujeitos, este tipo de entrevista apresenta baixo risco, no entanto foi garantida a interrupção das entrevistas caso houvesse qualquer desconforto dos entrevistados.

Proposta de Análise de Dados

Os dados foram analisados a partir do referencial metodológico da Psicologia Sócio-Histórica, buscando núcleos de significação e a apreensão de sentidos presentes nos discursos dos entrevistados.

Tal forma de análise baseia-se no homem como um ser único, singular e histórico, ou seja, seu discurso está atrelado a uma dialética do pensamento e da linguagem e dos significados e sentidos da fala. A partir desses princípios, a análise foi dividida em três partes: a) pré-indicadores; b) indicadores e c) zonas de sentido ou núcleos de significação, que localizam norteadores não-verbais e complementam discursos e significados relativos ao objetivo do estudo (JUNQUEIRA, 2000).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do método adotado, foram elaborados dois núcleos de significação por professor entrevistado. Cada núcleo possui um texto denominado zona de sentido. Abaixo, estão os textos dos seguintes professores: A. S., M.J. e A. P.

A- Zonas de Sentido – A. S.

1. Teorização e ideologia política na Educação

O professor acredita que a educação em geral é mais baseada na teoria do que na prática: “A educação sempre foi de muita teoria e muita questão de debate acadêmico” (SIC). Comenta que os docentes, em geral, não participam do cotidiano dos alunos e não o relacionam com as teorias. Dessa forma, acabam se centrando em demasia em sua própria realidade. “O professor tem muito disso ele fica muito no banco escolar e não vê o que acontece ao redor dele. Ele não tem coragem de sair à rua para ver o que acontece” (SIC). Ele afirma que possui um posicionamento diferente frente à educação, em que busca aliar suas experiências diárias e de convívio social com os processos educativos. No decorrer de sua formação, relata ter adquirido conhecimentos que são debatidos em sala de aula, mas ao mesmo tempo questiona a utilidade disso, e salienta que muito do seu repertório está ligado às pesquisas desenvolvidas por ele. O professor conta ter feito diversos cursos de formação continuada, mas não está satisfeito devido ao fato deles serem voltados à ideologias políticas: “(...) com o tempo percebi que esses cursos oferecidos pela prefeitura ou pelo estado puxam muito para o lado da ideologia política, o que eu realmente não aceito” (SIC). O docente entrevistado se formou em Geografia e História, começando sua carreira em 1994. Denota que a educação é parcialmente prejudicada quando associada às questões político-partidárias, as quais anulam o espaço de reflexão. “Deixa a pessoa alienada em uma ideia político-partidária. Não deixa a questão ampla acontecer, não deixa você entender que a sociedade é muito mais que uma ideia político-partidária” (SIC).

2. Reflexões sobre melhorias na prática escolar

O professor entrevistado relata estudar muito sobre História e se interessar pelo tema. Assim como, acredita que muitos assuntos não são abordados de forma adequada nas salas de aula, sem ter o devido enfoque. Ele coloca que as questões devem ser apresentadas de modo a não criar parcialidades, mas sim uma compreensão de fatos históricos do nosso próprio país. “A própria abolição da escravidão também deveria ser debatida com mais propriedade, sem levantar ódio, sem levantar questões que levem a revanchismos, que não ajudam a fazer com que o Brasil siga em frente” (SIC). Segundo o professor, é importante apresentar as diferentes formas de interpretação dos fatos para haver um verdadeiro debate, isso levaria à formação de cidadãos mais democráticos. Para ele, é necessário escutar o que os outros pensam sem ser obrigatório seguir a mesma ideologia. Além disso, a educação deve permitir o conhecimento e acesso amplo a informações, as quais são importantes neste processo. “O que a educação não pode é tolher alguns conhecimentos e algumas informações importantes que podem facilitar, como dizem, a formação das nossas cidadanias” (SIC). O docente coloca que o papel da educação é de ensinar os conteúdos básicos contemplados nas disciplinas tradicionais como Matemática, Português e Biologia, não sendo seu papel ensinar outros assuntos. Ademais, acredita que a formação do aluno acontece ao longo de sua vida e não somente dentro do lócus escolar. O educador comenta que a maioria de seus alunos apresentam interesse no conteúdo dado durante as aulas e salienta que os discentes buscam questionar as opiniões dos professores, mesmo já tendo conceitos demarcados. No entanto, ele enfatiza que o aluno deve criar sua própria verdade e que, para isso, o professor deve respeitar a heterogeneidade das opiniões. “Eu vejo que alguns até fazem perguntas para saber a sua opinião, não é que ele tenha dúvida, ele tem a opinião dele, mas ele quer saber a sua” (SIC). Segundo o entrevistado, os materiais utilizados, tais como os livros didáticos, não passam por uma rigorosa construção, sendo parciais e desprovidos de informações. Atualmente os alunos têm acesso a novos recursos tecnológicos que os auxiliam a buscar informações. Para o professor, é necessário prover esses aparelhos tecnológicos em sala de aula, para que o aluno não fique somente preso a recursos tradicionais como o caderno, o lápis e a borracha, ampliando seu processo educativo. “Veja se o aluno tem o computador em casa, ou qualquer outro lugar, por que ele não tem na sala de aula?” (SIC).

B- Textos das Zonas de Sentido - M. J.

1. A realidade social e familiar e suas implicações na educação

O professor acredita que “o mundo em que vivemos, felizmente ou infelizmente, não deixa de ser excludente e seletivo” (SIC), mesmo que os pedagogos não concordem com isso. Segundo ele, tal questão segue uma lei biológica, na qual quem é mais adaptado sobreviverá e quem não é perecerá, acreditando que isso é um processo natural de nossa

sociedade. Para ele a rede pública tem como clientes, alunos com menor poder aquisitivo, cujos pais não tiveram ensino de qualidade e exercem funções menos valorizadas socialmente, o que gera a não possibilidade de uma mobilidade social. “A rede pública atende essas classes desprovidas. Alunos que os pais não acessam a mobilidade social” (SIC). Segundo o professor, o Estado provê maravilhosos recursos, como: kits, apostilas, laboratórios, salas de mídia, contudo, há uma falta de suporte humano, profissionais de diversas formações para atender as demandas dos alunos, como: psicólogos, pedagogos, inspetores etc. Afinal, ele acredita que o professor não tem tempo e muito menos formação para cuidar de todas as questões dos alunos. Acredita que a Rede Pública não tem qualidade do ensino, não só por uma questão da estrutura das próprias escolas, mas uma questão de inserção social, já que a escola pública está inserida em um contexto social pouco favorecido. Acredita que o professor tem que conhecer a realidade de seu aluno.

Ele pensa não ser necessária uma exagerada importância para as formações, porque elas não são a base da prática escolar. Essa prática escolar é moldada ao longo do trabalho e só ela permite saber qual a melhor forma de se lecionar. Segundo o professor, a realidade mostra como você está trabalhando e dá as verdadeiras dicas de como agir. “Eu tenho que dar aula para um aluno, que não interessa onde ele mora, ele vai querer comprar, o iPhone 6 e o tênis da Nike” (SIC). Para ele, os alunos têm os valores que a mídia passa e, por isso, não se preocupam com os estudos, por não ser algo que lhes traga um prazer imediato. O professor relata ainda ter vivido a atmosfera de esquerda da década de 80, mas ter se decepcionado, como muitos, com a escola democrática. Para ele, os primeiros valores que são pré-requisitos para se adquirir outros, devem ser dados pela família. No entanto, há muitas famílias gerando uma defasagem educacional, que o professor não tem condições de consertar. Para ele os pais estão cada vez menos interessados em desenvolver um trabalho conjunto com a escola, visando o desenvolvimento de seus filhos. Segundo ele, é necessário que os pais sejam corresponsáveis na educação de seus filhos, para que possam existir bons e verdadeiros resultados.

2. Formação inicial e continuada – aspectos positivos e negativos

O professor fez Licenciatura. Sobre cursos de formação continuada, conta ter feito o *Teia do Saber* em 2003 e algumas oficinas. Porém, acredita que todos os cursos foram de pequena duração e que eles não o ensinaram, nem mesmo lhe trouxeram muitos benefícios.

Ademais, o professor conta de um curso feito com aulas de computação, aulas com pedagogos, oficinas pedagógicas, seminários e debates. Ele acredita que a comunidade dos professores tenha aprovado este curso, por ter tópicos que despertaram o interesse dos professores, além de ajudar na evolução da carreira dos mesmos. Além disso, o professor comenta uma melhora dos cursos, atualmente: “Os cursos são melhores hoje, até se olha para os portadores de necessidades especiais e para o bullying, isso não era assim” (SIC).

“Eu ainda acho que o Estado não consegue subsidiar, não consegue cumprir aquilo que ele se propõe a fazer, que é contribuir com a formação dos professores” (SIC). O professor acredita que o Estado não consegue melhorar a formação dos professores, mas que isso, não é uma questão fácil de compreender, pois ela tem causas diversas. “Muito se fala sobre o papel da Universidade, esta ou aquela pedagogia, mas a gente não deve esquecer que devemos formar pessoas capazes de fazer aquilo que eles se propõem a fazer profissionalmente” (SIC). Ainda assim, o professor acredita que as universidades devem preparar ao máximo seus alunos, sendo exigentes nos planos de ensino.

C- Textos das Zonas de Sentido – A.P.

1. Formação inicial, aspectos teóricos e práticos X realidade da prática escolar

O professor fez Biologia e, juntamente a isso, fez a licenciatura. Ele acredita ter tido conteúdos importante em sua formação e que eles foram bem passados. Comenta que a coordenadora do curso era exigente e, por conta disso, passou uma boa base estrutural para os alunos. Segundo o professor, sua formação foi um pouco mais teórica do que prática. A prática estava nos estágios. Quando eram feitos em sua própria universidade, eram bem estruturados e bem organizados, os alunos conseguiam aprender bem o que deveriam fazer no cotidiano profissional. No entanto, os alunos que cumpriam seus estágios na rede pública da cidade de São Paulo, tinham mais dificuldades, pois eram colocados para dar aulas no lugar dos professores. “Principalmente na Estadual, quando faltava professor, era a gente que dava aula, mesmo sem formação completa” (SIC). O professor relata que houve uma mudança de coordenação durante seu curso e que o novo coordenador era mais aberto, o que possibilitava melhor diálogo. Ele comenta que em sua formação o construtivismo estava muito presente e que ele busca adotá-lo em sua prática docente. No entanto, essa tentativa tem diversas dificuldades já que para o professor, cada aluno tem uma realidade muito diferente. Sendo assim, ele busca um meio termo na forma de ensinar, para que todas as diferenças sejam englobadas. “Então, a gente acaba indo para um caminho que perdemos o pessoal que tem mais e o pessoal que tem menos facilidade, mas acaba abrangendo a maior parte dos alunos” (SIC). Segundo o professor, sua formação lhe ensinou que os recursos são necessários para facilitar o processo de ensino e aprendizagem e, por conta disso, ele busca inserir em sua prática, jogos e tecnologias. Contudo, comenta não poder trazer todos esses recursos por conta própria. “A gente não tem uma sala ambiente para Ciências, isso faz muita falta” (SIC). Segundo o professor, os recursos ajudam os alunos a terem interesse e entenderem melhor os conteúdos. Para ele, aulas práticas são bem mais satisfatórias para os alunos, do que aulas tradicionais, com o uso de livros e apostilas.

2. Preferência por “escolas tranquilas” e crítica a cursos que não abonam faltas

O professor conta que na escola em que trabalha atualmente, os alunos fazem diversos cursos extracurriculares, como: natação, música e cursos de idiomas. Ele comenta que os pais desses alunos são da comunidade mais próxima ou trabalham na região e optaram pela escola pública da cidade de São Paulo, para proporcionar o acesso a esses outros cursos aos seus filhos. O professor acredita que essa escola é uma exceção, se comparada com as demais escolas da rede. Nessa escola, os alunos se interessam pelos conteúdos passados e buscam aprender. Além disso, as salas de aula têm menos alunos.

Segundo ele, a escola que posteriormente ele tinha trabalhado, era diferente, com uma realidade diferente. Os alunos vinham de comunidades vizinhas que eram violentas. “Então era muito difícil, mais dia menos dia tinha professor que saía chorando, agredido ou com o carro riscado. Tivemos vários casos de agressão e ameaças, até coordenadores desistiram” (SIC). Nessa escola, o professor relata ter que adotar uma postura mais exigente para conseguir o respeito e a atenção dos alunos na sala de aula. Ele acredita que essa era uma forma de ter maior controle dos alunos. O professor titular era amigo dos alunos e ele, por sua vez, fazia o papel de exigente; segundo ele, a falta de respeito era absurda e as professoras mulheres eram as que mais sofriam. O professor acredita que a estrutura de módulos da Prefeitura de São Paulo, facilita a prática docente dos professores, já o Estado não, pois não tem a mesma estrutura. Essa estrutura faz com que, os professores recém-concursados exerçam o papel de substitutos. Nas escolas mais organizadas, há sempre esses professores para cada matéria, em diferentes horários de aulas. No entanto, esse processo é falho, pois em algumas escolas nas quais os professores mais antigos não querem trabalhar, ficam com vagas os professores mais novos que são obrigados a assumi-las. “Isso aconteceu comigo no meu primeiro ano. Era uma escola que quinze professores tinham pedido exoneração e, por conta disso, tinham três turmas de ciências em aberto. E quando eu assumi a vaga, acabei tendo que assumir a turma, direto” (SIC). O professor diz que a maioria dos cursos oferecidos pela Prefeitura não abonam as faltas. Sendo assim, por ele trabalhar no período noturno e diurno, não conseguiu conciliar as duas atividades. Houve um curso de Formação de Coral nas escolas e o professor, por ter aptidão com música e parentes que trabalharam na área, resolveu fazer. A escola em que o professor trabalha já tinha uma banda, mas ainda não tinha um coral. Com isso, ele pensou em usufruir da estrutura da banda para implementação do coral. O curso que ele fez durou quase todo o semestre do ano passado, tinha abono de faltas. “E aí, foi um curso longo, que durou o segundo semestre do ano passado praticamente inteiro” (SIC). Este curso está no terceiro módulo que é a implementação do coral. O professor relata ter sido o primeiro curso oferecido pela Prefeitura que ele participou e o único, até então. Ele conta ter vários colegas que já fizeram diversos cursos, mas que para isso ocorrer a pessoa deve ter um tempo certo

disponível para a realização do curso e que há certas dificuldades nisso. O professor comenta ainda, que há um grande investimento em cursos à distância, mas que mesmo estes são semipresenciais, o que faz com que com o professor tenha que disponibilizar alguns horários livres. Ele conta ter iniciado um curso, ano passado, de Ciências e Tecnologia, pois todas as escolas eram obrigadas a inscrever um professor e ele se disponibilizou. No entanto, mesmo sendo um curso à distância, havia aulas presenciais no período da tarde. Sendo assim, como ele trabalhava de manhã e à noite, não pode fazer o curso. “Você entra no curso, não vai ter dispensa de ponto e você ainda vai ter que perder o dia?” (SIC).

Discussão

Com base na fundamentação teórica, no método adotado e nos dados coletados, foi possível organizar os discursos em categorias temáticas e relacioná-los com as ideias dos teóricos estudados. Alguns dos docentes entrevistados fizeram diversos cursos de formação continuada. “Fiz bastante, eu mesmo tenho vários títulos aqui na prefeitura. Última vez que vi que tenho 66 títulos, que faz tempo que eu não faço. Que com o tempo percebi que esses cursos oferecidos pela prefeitura ou pelo estado puxam muito pro lado da ideologia política, o que eu realmente não aceito” (A.S).

Enquanto outro fez apenas um curso. “Então, esse foi o único curso que eu fiz pela Prefeitura, que ainda está tendo” (A.P).

Os professores são os mobilizadores da educação escolar e a escola é hoje a instituição social basilar na instrução e formação para a vida civil, porta para outras formações e para a construção continuada da democracia e a luta pelos direitos humanos. Sua atuação coloca-se, assim, entre a exclusão social e a transformação. Então, a formação inicial dos professores é crucial, sem deixar de lado o papel relevante da formação continuada em suas vidas profissionais (GATTI, 2013, p.9-10).

As diferenças evidenciadas nas realizações de cursos denota que não há um acompanhamento compatível com a relevância da formação continuada para os professores. Esse acompanhamento é fundamental, pois os professores têm um papel primordial na escola que é a base da transformação social e da formação de cidadãos.

A maioria dos professores entrevistados acredita que seus alunos apresentam interesse pelo processo educativo. “Eu vejo que praticamente 70% têm interesse sim e os outros 30 ficam por conta da cabeça de cada um. Mas dá pra perceber que o aluno tem interesse pelo menos em saber a opinião do professor” (A. S.). Segundo Freire (2003) a educação é um processo permanente e a escola é um dos locus deste processo. A educação não é neutra, visto que é um processo político com objetivos sociais, sendo importante a busca pelo diálogo entre professor e aluno, levando a uma postura ético

democrática em que as opiniões de ambos os lados sejam colocadas questionadas e debatidas. “Não pode haver caminho mais ético, mais verdadeiramente democrático do que testemunhar aos educandos como pensamos, as razões do por que pensamos desta ou daquela forma, os nossos sonhos, os sonhos por que brigamos” (FREIRE, 2003, p. 38). A demonstração de interesse dos alunos e a busca pelo conhecimento da opinião de seus professores, mostra sua inserção no processo educativo permanente, não neutro, buscando questionar os pensamentos já existentes e levando a uma reflexão que é política e democrática.

Todos os professores entrevistados acreditam que a formação docente é mais teórica do que prática. “Era mais teórico. A educação sempre foi de muita teoria e muita questão de debate acadêmico” (A.S.). Segundo Nogueira (2008) a formação dos professores é excessivamente teórica e não tão ligada à prática e à reflexão da prática. “Outro grande desafio que se impõe é a formação mais centrada nas práticas e na análise das práticas” (NOGUEIRA, 2008, p. 10). A formação inicial e continuada desses docentes é voltada para a teoria o que leva a uma deficiência em sua formação por não trazer o contato desses professores alunos com as realidades e as experiências de uma prática escolar com diversas e complexas variáveis no cotidiano docente.

A maioria dos entrevistados não acredita em uma completa aplicação das teorias no cotidiano da prática escolar. “Não entre na sala pensando naquele autor fundamental, ou no que você aprendeu nos cursos ABC, isso não resolve. Não ache que Piaget vai te ajudar, seja sensível, porque ninguém ensina ninguém a aprender, isso é pessoal” (M. J.). “Enquanto um deles busca essa aplicação independente das dificuldades possíveis. Lá, tudo era voltado para o Construtivismo. A gente tenta adotar essa postura e levar o dia-a-dia do aluno para a sala de aula, baseando tudo no dia-a-dia, mas é tanta realidade diferente, dependendo da escola que você está, que as vezes, fica até difícil você dar aula para tantas realidades diferentes” (A. P.).

Segundo Gatti (2013) teorias geram práticas e práticas geram teorias, assim não há desvinculação do conhecimento com a experiência, a prática deve ocorrer junto com uma ação reflexiva de si mesma. “Essa relação dialética é quebrada nas nossas estruturas universitárias e curriculares, herdadas de uma concepção de ciência positivada, em que as abstrações imperam como tópicos em vasos não comunicantes” (GATTI, 2013, p. 4). Alguns dos professores não percebem a efetiva e direta relação entre a teoria e a prática o que demonstra a não reflexão da prática. No entanto, um deles, mesmo com o cotidiano complexo da vivência escolar, procura vincular a teoria à prática, buscando inserir o Construtivismo em sua prática docente, quebrando a dicotomia existente atualmente na relação entre teórica e prática.

Percebe-se divergência entre os pensamentos dos professores sobre a estrutura física das escolas da rede pública. Um deles coloca que o poder público não prove estrutura física adequada para o aprendizado dos alunos. “A gente não tem uma sala ambiente para Ciências, isso faz muita falta. Ciências é uma disciplina que os alunos adoram, porque é uma disciplina que traz muita curiosidade para eles, mas a limitação do espaço dificulta que a gente traga coisas para eles visualizarem ao vivo ou até mesmo com microscópios, alguma coisa assim” (A.P.).

Outro professor coloca que o poder público provê a estrutura física, mas não os recursos profissionais adequados: “O estado tem que dar uma condição fundamental de ensino e aprendizagem, os alunos recebem kits, apostilas, excelentes laboratórios, salas de mídia, recursos fantásticos. O estado procura fazer investimento que considera indispensável. Mas sobre o lado humano faltam por vezes pajs, inspetores, psicólogos” (M.J.).

Essa divergência demonstra que ambos os professores enfatizam a importância da estrutura escolar. No entanto, um deles pensa na estrutura como algo importante não apenas no âmbito físico, mas também no profissional e humano. O ponto levantado por este professor corrobora com Gatti (2013), ao destacar que a qualidade da educação está vinculada ao processo entre professor e aluno de construir uma interação para instruir e educar. Sendo assim, a estrutura física pode ser vista como um apoio, um objeto-meio, para a educação, mas não como o seu foco principal. Foco este, que visa à formação do aluno, tendo o professor, nesta formação, o papel de aliar conhecimento e didática com as condições de aprendizagem de seus educandos.

A questão dos recursos tecnológicos na prática educativa foi levantada por alguns dos professores como algo que deve ser modificado e inserido nas salas de aula, para que haja um maior aproveitamento dos alunos no transcorrer do processo de ensino e aprendizagem. “Hoje se tivessem computadores para cada aluno, para pesquisarem melhor, pois as informações são muito mais amplas, eles teriam melhor conhecimento do que um mapa ou um globo terrestre ou um livro didático” (A. S.). Como é colocado por Freire (2003), a prática educativa é algo permanente e universal, e por conta disso ela se molda histórica e socialmente conforme a relação com o espaço-tempo. “Os conteúdos, os objetivos, os métodos, os processos, os instrumentos tecnológicos a serviço da educação permanente, estes sim, não apenas podem, mas devem variar de espaço tempo a espaço tempo” (FREIRE, 2003, p.22). Os novos recursos tecnológicos estão cada vez mais presentes em nossa sociedade e os professores querem trazê-los para a realidade escolar, dessa forma poder-se-ia tornar a educação mais adequada à realidade dos alunos fora da sala de aula, o que a transformaria no espaço-tempo.

Outro tema trazido pelos docentes foi a suposta alienação de seus discentes. Eles acreditam ter alunos que não se importam com a aprendizagem e que seguem os ditos da mídia. “Os valores deles são os valores ditados pela mídia, não estipulando cadeia de valores. O aprender ou não aprender para ele não tem a menor importância. O adolescente está convencido de que vai ser jovem a vida inteira e que a vida é curta para se perder tempo com coisas que não são prazerosas, como o estudo” (M. J.).

Para Freire (2003), o ser humano faz parte de um processo histórico e social tanto pelo que herda do seu meio, como pelo que constrói em seu meio. Sendo assim, a educação além de permanente é política. Isso faz com que nela haja diferentes manifestações e debates. O professor deve mostrar aos alunos suas opiniões, e deixar que eles coloquem suas próprias opiniões. Para que assim ocorra uma reflexão que modificaria o ser humano e suas verdades, levando à criação de novas verdades e ao aprimoramento do pensamento. O professor que enxerga seu aluno como alienado pode não estar dando espaço para a politicidade da educação, para o debate das diferentes manifestações e diferentes verdades. Processo este que leva à verdadeira reflexão e à busca incessante pelo aprimoramento do ser humano e construção da cidadania.

A formação continuada é colocada pelos professores entrevistados como algo que traz benefícios questionáveis, além de não ter uma aplicabilidade perceptível para os mesmos. Concomitantemente, eles notam as melhorias e ganhos que ocorreram no conteúdo dessas formações ao longo do tempo. “(...) tudo cursos de curta duração, mas eu não vi uma reversibilidade muita grande não, não vi muito benefício não” (M. J.). “Os cursos são melhores hoje, até se olha para os portadores de necessidades especiais e para o bullying, isso não era assim” (M. J.).

De acordo com Nogueira (2008) há uma tensão de recuos e avanços na docência, um processo de profissionalização-desprofissionalização. Um dos elos que mais contribuem com a tendência de desprofissionalização, nesse processo, é o frágil elo do saber específico do professor. O fato da formação continuada não ser entendida como relevante pelos professores, corrobora com este elo frágil. Por outro lado, as mudanças e melhorias, ao longo do tempo, nos cursos de formação continuada, demonstram avanços no caminho da profissionalização no que concerne à questão da carreira docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho foi possível perceber que a maioria dos professores acredita haver diversos impasses, tanto na formação docente inicial e continuada, quanto na prática escolar.

Quando se referem à sua formação profissional, um dos temas mais comentados, é a dificuldade dos cursos de formação inicial e continuada, de abordarem não apenas a

teoria, mas também uma prática reflexiva vinculando teoria e prática, como um processo dialético. Foi muito questionada a excessiva carga horaria de matérias exclusivamente teóricas, que não demonstravam sua aplicabilidade na prática escolar. Os professores entrevistados, dessa forma, não percebem a importância da utilização de constructos teóricos em seu cotidiano escolar e no processo educativo.

No entanto os professores denotam diversos avanços em sua formação docente. Constatam melhorias ao longo do tempo, como por exemplo, a abordagem de novos temas importantes na sociedade atual, a preocupação com a acessibilidade para pessoas portadoras de necessidades especiais e o debate referente ao uso de drogas. Os professores mostram-se indecisos a respeito da utilidade e da qualidade da formação continuada, o que leva ao desinteresse de alguns por essa formação.

Além disso, outro ponto em destaque é a necessidade de se olhar com igual empenho as estruturas físicas e humanas, necessárias à prática escolar de qualidade. Percebe-se a importância do melhor preparo e formação dos profissionais da educação, que poderia ser feita com uma discussão mais aprimorada da relação professor/aluno. Junto a isso se evidencia a influência da estrutura física no processo educativo. Os novos recursos tecnológicos são questionados a todo o tempo, já que há uma busca para que eles sejam um objeto de auxílio na prática escolar e não se tornem algo prejudicial ou um objeto distrativo no processo educativo.

Outro eixo colocado é a percepção dos professores sobre o interesse dos alunos pelo aprendizado. Muitos dos professores acreditam que seus alunos não percebem a real importância da educação em suas vidas, não tendo consciência da educação como algo permanente. Não se percebem como seres inconclusos que necessitam do processo educativo constante para o seu desenvolvimento, e não têm consciência da influência das relações espaço-tempo em suas vidas.¹

REFERÊNCIAS

ANDRE, Marli. *Políticas de apoio aos docentes em estados e municípios brasileiros: dilemas na formação de professores*. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 35-49, out./dez. 2013.

ANDRÉ, Marli. *Políticas e programas de apoio aos professores iniciantes no Brasil*. Cadernos de Pesquisa, v. 42, n. 145, p. 112-129, 2013.

DAVIS, Claudia LF. *Formação continuada de professores: uma análise das modalidades e das práticas em estados e municípios brasileiros*. Textos FCC, v. 34, p. 104, 2013.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GATTI, Bernardete A. *Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década*. Revista Brasileira de Educação, n.13 p.37 jan./abr. 2008.

GATTI, Bernardete A. *Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses* Education, school, and teacher education: policies and impasses. 2013.

GEGLIO, Paulo César et al. *Políticas públicas de formação continuada para professores: um estudo de cursos realizados a partir de propostas licitatórias*. Texto para Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 23, n. 86, 231-257 P., jan./mar. 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. In: *Fundamentos de metodologia científica*. Atlas, 2010.

MELLO, Guiomar Namó et al. *Formação inicial de professores para a educação básica: uma (re)visão radical*. Texto para São Paulo em Perspectiva, 2000.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Apresenta informações sobre a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=231&Itemid=332> Acesso em 10/05/2015.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes–PUCSP. *"O processo de profissionalização-desprofissionalização docente: a formação e o trabalho dos professores no Brasil."* VIII Congresso Nacional de Educação-EDUCERE/Formação de professores-Ed. Internacional. 2008.

PENIN, Sonia Teresinha de Sousa et al. *A formação de professores e a responsabilidade das universidades*. Texto para Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, São Paulo, vol.15 n. 42, Maio/Ago. 2001.

SAVIANI, Dermeval. *Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro*. Revista brasileira de Educação, v. 14, n. 40, p. 143, 2009.

Contatos: cfcvasconcellos@outlook.com e robson.rusche@mackenzie.br